

LOUIS NEILMORIS

PALESTRA ESPÍRITA COMO FAZER



LUZ ESPÍRITA

www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

Louis Neilmoris

Edição revisada em:

Agosto, 2011

Publicação digital livremente disponibilizada pelo

Portal Luz Espírita

www.luzespirita.org.br



www.luzespirita.org.br

**PALESTRA
ESPÍRITA,
COMO FAZER**

Louis Neilmoris

Índice

Prólogo – pag. 5

- 1 – Palestra espírita, o que é – pag. 7
- 2 – O palestrante espírita – pag. 10
- 3 – O ouvinte – pag. 13
- 4 – Regras gerais de oratória – pag. 14
- 5 – Oratória clássica e Retórica – pag. 18
- 6 – Interação – pag. 20
- 7 – Vibração e magnetismo – pag. 23
- 8 – Daí de graça... – pag. 25
- 9 – Fórmulas modernas – pag. 27
- 10 – Pedagogia espírita – pag. 29
- 11 – Elaboração – pag. 32
- 12 – Aplausos ou não – pag. 37
- 13 – O que torna uma palestra inesquecível – pag. 38
- 14 – Exemplo prático – pag. 41
- 15 – Conclusão – pag. 46

Prólogo

Certo site realizou uma pesquisa entre frequentadores de Centros Espíritas e, entre outras coisas, foi à enquete o que mais é agradável dentro desses ambientes. Mediante as alternativas propostas, o resultado seguiu a seguinte ordem:

- 1° Passes e tratamentos espirituais
- 2° Músicas e vibrações
- 3° Assistência social
- 4° Palestras
- 4° Cursos

Uma interpretação superficial leva qualquer um a pensar que os assistidos buscam sempre o modo fácil de ser *religioso espírita* (procurando a assistência e a louvação) e ainda resistem ao mais importante: a doutrinação (cursos e palestras) – herança cultural de séculos do catecismo católico.

No entanto, precisamos considerar que, numa segunda enquete, em que foi perguntado: qual o gênero de trabalho nas casas espíritas que poderia (ou deveria) ser melhorado? O resultado foi que se cobrou, em primeiro lugar, melhorias nas **palestras**. Isso implica que, numa nova abordagem, teremos de convir que talvez o resultado anterior não reflita em si a preferência sobre esse ou aquele trabalho, mas sim, que determinado gênero de serviço prestado seja mais bem executado que outro.

De todo modo, pelo fato de estarmos focados numa meta – palestra espírita –, dispomos aqui algumas ideias sobre como argumentarmos em ambientes próprios do Espiritismo, objetivando não uma padronização da oratória – porque também a diversidade é circunstancialmente salutar – mas, procurando fornecer subsídios para a qualificação pessoal, em sintonia com as potencialidades peculiares de cada um, pois o que é bom deve ser copiado e, se possível, melhorado.

Trataremos inicialmente de observar os detalhes técnicos da oratória, aqueles que são universais e, portanto, independem do ambiente. Mais adiante, penetraremos no escopo específico a que nos propomos: a palestra espírita. E muitas diferenças há entre os públicos-alvo, de modo a dizer que a exposição de um tema espírita em muito dista de um discurso político, de uma coletiva esportiva, de uma explanação acadêmica, de uma audiência jurídica, etc. Até mesmo dentro do âmbito religioso se verifica assaz diversidade na falação. Podemos citar que a homilia católica é tradicionalmente conservadora, que a pregação evangélica protestante é mais apelativa e que a exposição espírita é... tchan, tchan, tchan...

É muito abrangente.

A abrangência da palestra espírita chega mesmo a ser, não para poucos, um dos maiores problemas atuais do Espiritismo, pois o que se ouve num centro é questionado em outro e rechaçado em determinada casa espírita. Há palestras que nada explicam, outras que só confundem e algumas mais que revoltam. É que elas são proferidas conforme o entendimento de seu expositor e bem pouca triagem se faz, por parte dos dirigentes espíritas, de quem fará uso da palavra. Também nos circundam polêmicas clássicas acerca da doutrina, por exemplo, a velha questão de a Doutrina Espírita ser ou não uma religião.

Essa abrangência se deve de o Espiritismo ser tão complexo quanto fundamental, e, desta maneira, merecer toda a nossa dedicação. Por isso mesmo, faculta uma campo inesgotável a ser explorado, o que ajuda a explicar o quanto que há de bons palestrantes espíritas – e tantos que se proliferam.

O fato é que, da importância desse recurso chamado *palestra*, cumpre-se que ela seja bem trabalhada, mediante um claro direcionamento da casa (como o editorial é para um jornal), com o melhoramento individual do palestrante e a confraternização de todos os meios para a promoção desse serviço sublime, que faz a diferença na qualificação das instituições espíritas e, finalmente, muda a concepção do assistido que procura escutar uma boa mensagem e, assim, se reformar.

Num momento sublime e oportuno, uma boa palestra pode marcar a vida de um atordoado que adentra uma casa espírita, como um toque despertador numa consciência latente. Não por um golpe de sorte, mas pela harmonia da atuação da espiritualidade com o esforço humano de adubar a Terra, esta seara bendita.

Palestremos, e procuremos palestrar bem.

Louis Neilmoris

1

Palestra espírita, o que é

A palestra espírita em muito se difere de uma oratória comum e, embora esteja rodeada de diversidades, preserva caracteres gerais. Em geral, é um minicurso ou uma aula sintética – seja de cunho moral (discorrida sobre uma parábola de Jesus, por exemplo), seja de teor científico (como a respeito dos fluidos), seja um tema misto. Constitui-se de uma mensagem que precisa ser bem transmitida para ser bem compreendida.

Para definirmos o que ela é, podemos nos utilizar do recurso da exclusão, ponderando o que ela não é – ou não deve ser. Um louvor, por exemplo, ela não é, ainda que possa conter doses de louvação. Se fosse, iria se assemelhar à missa ou a um culto evangélico protestante, pois a proposta espírita não é o da eterna contemplação da magnitude da Divindade, mas sim a de progredirmos, aperfeiçoando-nos para alcançarmos a melhor compreensão da espiritualidade – eis o melhor louvor.

“Nem todo o que me diz ‘Senhor, Senhor!’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”.

Jesus

Mateus, 7:21

As reuniões públicas dos Centros Espíritas que abrem espaço para palestras esperam que elas se transformem, naturalmente, em convite aos assistidos para que façam os cursos doutrinários oferecidos pela casa. Um determinado tema é explorado e uma ligeira aula é passada para que se tenha uma visão panorâmica da posição espírita sobre aquele assunto. Os pormenores – que não foram abordados pelo palestrante – poderão ser tratados a partir do estudo sistemático, ou, por ventura, através de um atendimento pessoal de um trabalhador da casa (e não apenas daquele palestrante), ou mesmo por pesquisa própria do indivíduo que se achar apto a perscrutar os livros, revistas e demais mídias.

Não raro, encontramos na lista de programação das casas espíritas o título “Evangelho” para anunciar a sessão pública com palestra. Não deixa de ser um termo limitador, ao que nos remete à ideia de que ali haverá uma homilia ou pregação concentrada nas passagens bíblicas, ou ainda, obrigatoriamente, na leitura e interpretação de um trecho de **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**. Visto que a palestra espírita é de ampla abordagem, melhor que se enuncie o tal trabalho, não de “Evangelho”, mas de “Palestra pública”. Tudo isso implica em dizer que, devido à tradição da catequese, ainda se vê o Centro Espírita como um “templo espírita” – como dizia Herculano Pires – e que se espera tão somente pregações religiosistas e adoração.

*

Observamos que em certas Casas Espíritas as palestras são expostas em conjunto com outros trabalhos (como os tratamentos espirituais de cura ou de desobsessão), muitas vezes, tudo numa hora só, ocorrendo que o assistido fique assistindo ao palestrante até que chegue sua vez de entrar na salinha de terapia para ser atendido – o que quebra a lógica do trabalho de palestra e reflete a preponderância que a Casa dá a um trabalho em relação a outro. A tese de defesa corriqueira é que, o povo só vem a uma palestra se tiver outro atrativo, como a assistência espiritual. E quando acontece de o sujeito ser convocado ao atendimento bem na hora em que a “coisa fica mais interessante”, quando o expositor está fechando aquele assunto tão interessante que prendeu sua atenção e que lhe parece tão ou mais salutar que o passe?

Com mais lucidez, há dirigentes que reservam sessões, se não exclusivas para a palestra, pelo menos com espaço privilegiado, de maior duração, em que o orador tenha melhor condições de expor sua mensagem. E porque as três sentenças de Emmanuel – “disciplina, disciplina e disciplina” – se tornaram um forte chavão espírita, convencionou-se a cronometrar as horas, minutos e segundos, num regime de ditadura ferrenha que resulta que, por falta de tolerância em ceder mais alguns instantes, uma palestra seja abortada sem que seja feito o *gran finale*.

*

Tendo as feições de uma aula sobre determinada matéria, a palestra espírita deve ser, então, bem elaborada, em certos aspectos, até nos moldes da pedagogia clássica. Trataremos adiante de como prepará-la, mas o que nos envolve de pronto é a questão do foco, o objetivo da oratória. Consiste, pois, numa excelente oportunidade de repassar aos que se iniciam na doutrina um pouco do que a experiência nos ensinou, seja pelos livros, seja pela vida prática.

É para muitos a grande chance de penetrar na compreensão do universo espiritual, através de uma preleção sintética e acessível, o que não conseguem captar pela leitura, já que a literatura espírita clássica é ainda redigida numa linguagem rebuscada, sofisticada e até abstrusa – bastante acima dos padrões populares.

E ainda bem que tem se tornado cada vez mais presente a fórmula de o público interagir com o palestrante para sanar dúvidas decorrentes do apontamento. A respeito disso, é bom que se diga, necessário se faz uma boa programação para manter o bom andamento dos trabalhos, pois, do contrário, pode gerar contratempos graves. Num salão de bom número de assistido, por exemplo, ceder a palavra a um sujeito – para uma pergunta ou comentário –, pode acarretar em abrir uma brecha perigosa para a desordem de falas. Mais acertado se vê a ideia de somente e tão somente após o término da exposição, se abrir espaço para participação do auditório. E nos casos em que seja grande o público, donde pode ocorrer uma leva de indagações repetidas ou muito semelhantes, é comum que os questionamentos sejam dirigidos por escrito a uma pessoa predefinida, que então selecionará as perguntas e comentários de um modo mais generalizados. A dificuldade aqui está na logística: distribuir papel e caneta, mas com boa criatividade, tudo pode ser bem traçado. O ponto essencial é que a linha traçada para a palestra não pode ser quebrada e por isso não é bem vista a ideia de o palestrante ser interrompido durante sua fala – diferentemente de uma aula colegial. O segredo é: o palestrante deve passar desde cedo a confiança de que vai aproveitar bem o tempo e explicar todo o essencial, para que aquele que o escute, sintam-se tranquilo de que, surgida a dúvida, ela será respondida ainda na palestra, mesmo sem sua intervenção.

Além disso, os próprios envolvidos na Casa – palestrantes, trabalhadores e dirigentes – carecem de ter a devida noção da diferenciação dos trabalhos: a assistência material e espiritual produzem frutos magníficos e salutares, mas emergenciais e transitórios; a palestra e o curso intensivo, por sua vez, é que libertam as consciências e as levam à verdadeira constância na caminhada da reforma íntima.

2

O palestrante espírita

O palestrante espírita deve ser espírita.

Para alguns, pode parecer pueril frisar tal sentença acima, mas um exame mais apurado mostrará que a questão é tão profunda quanto capital, não apenas por que tem muito palestrante de ofício se passando por espírita – para vender seus produtos (por exemplos, livros e discos) ou mesmo a própria palestra –, como ainda pelo fato de se esperar santidade daquele que se propõe a pregar um ensinamento fundamentado numa moral.

Há, e em grande quantidade, espíritas que vislumbram a oportunidade de palestrar – dentre os quais, com qualidades suficientes para o intento –, mas esbarram em seu próprio pudor, subestimando a si mesmo ou se cobrando maior adiantamento.

Para não nos perdermos na meta, ouçamos Kardec, sobre ser espírita:

Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. XVII, Item 4

Portanto, não devemos cobrar perfeição de si ou do indivíduo que se propõe a palestrar, nem mesmo a perfeição técnica no ato de proferir a palestra. Ou seja, estamos sujeitos à falência tanto quanto ao caráter pessoal quanto à faculdade operacional do ofício. Mas devemos nos habilitar para a capacitação nesses dois campos: sermos espíritas de moral e bons palestrantes.

O bom é que a estrada é uma só: ao passo que nos reformamos moralmente e adquirimos vivência, nos tornamos aptos a dividir o que logramos com os demais.

E quanto ao temor de ser reputado hipócrita? Há, sem dúvida, e bem possível é que qualquer bom orador espírita seja vez ou outra flagrado em contradição com o que aponta na sua palestra. Isso é passível de suceder em casa, no trabalho, com os amigos, etc., onde a correlação de pessoas é intensiva.

Mas ele próprio, por ainda estar a caminho da Luz, é também aprendiz de si mesmo, das suas palestras. Por seus ouvidos serem os mais próximos do que sua boca pronuncia, ele é o primeiro ouvinte de sua própria tese.

Agora, nem mesmo a queda do palestrante anula sua palestra nem a doutrina que ele prega. É desmotivador, mas ninguém se sinta desobrigado a seguir o bom caminho ao ver um palestrante caído na estrada.

*

Contudo, embora estejamos todos ainda na condição de aprendiz, é necessário que os dirigentes se atentem aos palestrantes. Que eles não sejam quaisquer pessoas, nem quaisquer espíritas. Até pela responsabilidade de se emitir uma fala, eles devem ser escolhidos, com o devido cuidado de não fechar as portas aos demais – pois todos evoluem. Creio mesmo que devem ser, se não censurados, pelo menos fiscalizados.

Eis um tópico grave aqui: por que se viveu numa época de extrema ditadura, ora se espera total liberalidade. Entretanto, penso que o dirigente espírita deve exercer das suas prerrogativas e zelar pelo direcionamento doutrinário, inclusive, podendo mesmo questionar o teor das palestras, as letras de músicas e os livros que se oferecem nas Casas Espíritas. É pena ver que em muitas casas os comandantes estão ocupados o bastante que não possam atentar para, isso ou que não tenham coragem de fazê-lo, temerários de serem taxados intransigentes, refratários e antiquados.

Porém, o dirigente tem o direito e o dever de conduzir a Casa e uma condição bem definida é o direcionamento doutrinário, ou seja, tudo deve convergir para os princípios da Codificação Espírita, o que nos faz lembrar a sentença de Emmanuel a Chico Xavier:

“Se alguma vez eu me afastar dos ensinamentos de Jesus e de Kardec, esqueça-me”.

Emmanuel

Logo, o palestrante que hesite se adequar ao kardecismo deve sim ser censurado, pois a concessão do palanque o compromete a uma deliberada conduta. Que seja ele próprio a se corrigir, preferencialmente; doutra forma, é válida a advertência de terceiros.

Não havendo ninguém perfeito, será que alguém tem o direito de repreender o seu próximo?

“Certamente que não é essa a conclusão a tirar, pois cada um de vocês deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja proteção foi confiada a vocês. Mas, por isso mesmo, devem fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível. Ao demais, a censura que

alguém faça ao outro deve ao mesmo tempo dirigi-la a si próprio, procurando saber se não a terá merecido”.

São Luis

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. X, item 19

*

Fica patente a primeira condição para a explanação dentro do Centro e fazemos questão de repeti-la: observância dos princípios da Codificação Espírita. Para os casos em que há certa controvérsia de interpretação – como o que citamos, sobre a religiosidade no Espiritismo –, é perfeitamente compreensível que cada qual emita sua versão, entretanto, deixando claro ser **sua opinião**, não submetendo a filosofia espírita ao que um ou outro pensa sobre. Aliás, devemos sempre deixar claro que ministramos os conhecimentos de acordo com o que está ao nosso alcance, estando mesmo sujeitos a blefes incríveis.

E o que dizer de tantas apreciações absurdas que se ouve aqui e ali em palestras espíritas? Diremos que para cada um que levante uma falsa bandeira, há milhares, encarnados ou desencarnados, para fazer que a correção se apresse e restabeleça a verdade. Diremos ainda que as controvérsias até carregam um germe de progressão, por despertar a atenção, o debate e a capacidade intelectual de ambas as partes envolvidas.

*

Dado que ainda estamos em processo de evolução, um segundo requisito básico é de o palestrante estar em constante aperfeiçoamento, tanto na busca de refinar seu conteúdo doutrinário quanto no aprimoramento das fórmulas empregadas para palestrar, visando falar melhor para que ser melhor compreendido, além de agregar novos instrumentos práticos para dinamizar a exposição (uso de mídias eletrônicas, gráficos, encenações, etc.).

Não pode melindrar-se por ser passivo de cometer erros ou ser corrigido, por oposto, cumpre que seja corajoso e prestativo em evangelizar, seguindo o roteiro de Jesus Cristo – nosso Guia e Modelo – e instruir os assistidos com a ciência e experiência da prática do Espiritismo. Este que é um canal utilíssimo para a propagação da Doutrina dos Espíritos. E uma vez que haja operários voluntários a esta causa, este livro se dispõe a auxiliá-los.

Nota – por capricho linguístico, usamos a masculinidade do termo, mas que fique bem evidente que não fazemos distinção entre os gêneros, subentendendo assim que, ao citarmos “o palestrante”, referimo-nos a ambos os sexos, sem que seja preciso dizer que este ofício não é de exclusividade aos homens e que muitas mulheres há que são excelentes palestrantes.

3

Ouvinte

Já se passou a era dos críticos de profissão. Hoje, todos somos críticos pertinazes e constantes de tudo e de todos – ainda bem!

Se existe a arte da oratória, a de ouvinte também está em curso. Então, a cada palavra que você, palestrante, exprime, incontáveis pensamentos e julgamentos emergem na cabeça daquele te escuta. Não se aceita mais o ditado, mas tudo é medido e pesado.

Vejamos, perscrutando nossos costumes, quando estamos no meio de um diálogo – uma conversa regular, um bate-papo comum –, se sabemos escutar; se aguardamos, oxalá, o final da frase para mastigarmos o sentido de cada palavra; se não interrompemos o interlocutor antes que ele complete seu raciocínio; se sabemos ouvir, numa palavra. Sabemos escutar?

E se o amigo que nos fala, for devagar para se expressar... Vixi!

*

A velocidade dos tempos modernos exige, portanto, presteza e consistência da parte de quem se expressa, pois os ouvintes estão cada vez mais ativos e exigentes. E isso é bom.

A graduação do público obriga os oradores a se qualificarem e se adequarem ao grau da plateia para conseguir o convencimento de sua tese – especialmente o espectador espírita, que tende a ser estudioso por natureza. Sim, pois, o intuito primordial da palestra é passar uma mensagem, ensinar conceitos, reformar comportamentos, revigorar ânimos, fazer prosélitos, evangelizar e afins. Todavia, dada a crescente qualificação, mais trabalhosa é a tarefa de convencimento, principalmente pela diversidade de dissertações e opiniões, hoje em dia. Para cada ideia que você apresentar, o assistido terá que confrontá-la com várias outras versões dessa mesma ideia, que ele escutou aqui e acolá. Qual a convencerá?

4

Regras gerais de oratória

A ambientação bem cuidada favorece a boa palestra: um lugar aconchegante, sonoramente harmonioso e com a devida instrumentação (microfone e serviço de som, quando se tratar de um amplo salão e grande público).

Por falar em microfone, nunca é o bastante alertarmos para o seu bom uso, desde o modo de como segurá-lo (sobretudo os de fio) até o ajuste do timbre. A intimidade com esse instrumento – “bicho-papão” para tanta gente – se com o devido treinamento, considerando ainda que, de acordo com a aparelhagem de som e as condições do ambiente, cada ocasião requer uma configuração própria. Por isso, se for possível, antes de começar a falar, experimente o microfone e veja a melhor distancia dele em relação à sua boca. A dica máxima é quebrar os bloqueios psicóticos e falar como se o microfone não existisse, compreendendo o seu espetacular valor (ampliar nossa voz). Atenção: não fique dobrando o fio do microfone (algumas pessoas fazem isso para diminuir a adrenalina).

O transpassar de pessoas pelo o salão, o arrastado de cadeira (dos que chegam atrasados) e a mescla de trabalhos, tudo isso tira a concentração de quem fala e do ouvinte.

Aliás, nada mais chato que querer escutar e, por uma razão, não conseguir – seja por que o vizinho cochicha do nosso lado ou por razão de a voz do palestrante não soar bem. Nesse caso, às vezes ocorre devido à baixa qualidade da aparelhagem de som ou ainda por culpa do orador não ser audível mesmo. A este, portanto, cumpre pronunciar bem, com clareza, num ritmo acentuado – nem muito lento, para que ninguém durma; nem rápido demais, para não atropelar as palavras. Deve ficar atento para os caprichos linguísticos – como vocábulos parecidos ou que sugerem dubiedade – para não deixar nenhuma dúvida no que quer dizer.

*

A arte da fala é mesmo pra ser observada. Cuidados com a voz, então, dispensa comentários. Com efeito, é bom armar-se de água e beber pequenas doses durante o discurso. Não é o caso aqui de se pretender ter vozeirão de locutor ou aspergir mel pelo verbo como aquelas telefonistas, mas no mínimo, procurar-se uma boa dicção.

Fuja dos sotaques, vícios de linguagens e manias. O bacana é ser simples e natural. Cada qual desenvolve naturalmente suas esquisitices, no entanto, nada mais chato de se ouvir quando é perceptível que a mania é proposital – e muitos comunicadores fazem isso para “deixarem sua marca” e serem reconhecidos. Uma vez ou outra pode parecer agradável, mas ao se tornar repetitiva, o refrão irrita.

De igual modo, chatíssimo é perceber quando o palestrante exibe um palavreado sofisticado, só para se exibir, chegando mesmo a ser constrangedor quando visivelmente notamos que aquelas palavras são decoradas e estão acima de sua faixa de intelectualidade. Isso fica evidente em duas situações: 1) quando, ao pronunciar a tal palavra, ele faz questão de destacá-la dentro da frase, como a dizer nas entrelinhas: “eu sei o que esta palavra significa”, e, portanto, o vocábulo sai-lhe truncado, diferente da fala normal; 2) quando reparamos que no restante do seu discurso, registramos erros grotescos de linguagem – como a falta de plural ou concordância verbal (“as pessoa”, “nós vai”, etc.). Alguém que fale demasiado errado (erros de linguagem), mas que demonstre simplicidade, fora de dúvida convencerá mais que o artificial.

*

Sabemos da complexidade do nosso idioma e certos erros gramaticais até passam despercebidos, contudo, o cuidado com a linguagem é de extremo valor. Claro que o mais importante é a mensagem, e que até um analfabeto pode produzir um empolgante discurso, mesmo tropeçando no português, com um conteúdo estupendo que muitas vezes o letrado não consegue desenvolver. Mas devemos pensar que, esse conteúdo fica ainda mais estupendo quando exposto numa linguagem correta e, além disso, que o analfabeto, alfabetizando-se, proferirá palestras ainda melhores.

*

Sobre a linguagem, aproveitando o ensejo, devemos acrescentar e até advertir – sobretudo para os intelectualizados – que é extremamente importante que se ajuste ao nível dos ouvintes. Cuidemos para não cairmos na tentação de usar um jargão elevado, acima da capacidade de compreensão do

povo, ainda mais que a nossa Doutrina está repleta de vocábulos e expressões próprios e costumeiros do meio espírita, que fogem da compreensão comum. Por essa razão, de vez em quando, não custa nada dar uma rápida definição do termo, porque senão, por causa de não se saber do significado de uma só palavra, toda uma palestra termina por incompreendida. “Perispírito”, por exemplo, soa tão comum ao espírita quanto “feijão”. Mas para o leigo, é um “monstro de palavra” – e nem todo mundo tem a curiosidade de aprender novos vocábulos. Assim, não custa nada dar uma rápida definição: “...o perispírito, quer dizer, o corpo espiritual...”

O mesmo se aplica ao estrangeirismo: citar termos em inglês tornou-se moda e tom sofisticado. Mas é altamente deselegante quando não está acima da compreensão do povão. E muito ridículo é quando o próprio palestrante não tem nem o básico do idioma estrangeiro, e isso se torna notório na pronúncia da palavra.

Como reflexo natural da globalização, algumas expressões estão consagradas pelo uso comum e nem são percebidas como vindas de outra língua – exemplos: *marketing*, *status*, termos da linguagem de internet e computadores, etc.

Leve em consideração também que numa oratória, não há chances de o espectador “voltar a fita” para fazer uma releitura do que não entendeu. Portanto, é preciso ser claro e se fazer entender. Nesse caso, é imprescindível dosar bem o conteúdo: nada muito técnico e nem muita informação em pouco tempo, pois não dá pra digerir tudo. Uma palestra é uma aula de um longo curso, não um curso inteiro. De vez em quando, refrisar pontos importantes de um discurso pode ser útil, desde que não se torne redundante.

*

Também ponto primordial é o da expressão, ou interpretação do conteúdo. A oratória não pode ser de uma tonalidade morta – como se lê uma placa de trânsito –: precisa ser dramatizada. O orador deve atuar como um dramaturgo, dar coloração à sua fala. Entoar sentimentos e fazer vibrar sua mensagem, alternando a expressão: entre satisfação e amargura, esperança e angústia, vigor e temor, etc., conforme o contexto. Ao narrar uma história, deve representar a fala dos personagens e não simplesmente falar por elas. Portanto, o palestrante também é uma espécie de ator.

Acima de tudo, tem de convencer o público que ele próprio acredita naquela mensagem.

*

Postura! Postura!

Manter o corpo firme, sem muitas gesticulações e movimentos bruscos (cuidado para não derrubar o pedestal do microfone!), exceto se isso fizer parte da dramaticidade da fala.

Fosse este roteiro destinado a um gênero qualquer de palestras, escreveríamos com bastante destaque sobre o valor da elegância e das singularidades da aparência física. Mas como espíritas, devemos nos conduzir para o equilíbrio das opiniões e mirar para a simplicidade, porém, ser nos cobrir de sacos de carvão, nem nos enfeixar para demonstrar pretensa humildade.

Modesta elegância sim! Ficar apresentável sim!

Acerca dessas recomendações, é muito válido o famoso “treinamento espelhar” que consiste em o praticante simular uma palestra frente a um espelho e assim, reparar seu estilo. Idem salutar é consultar a opinião de amigos e fazer autoavaliação mediante gravação de vídeos.

*

O olhar do palestrante é um dos quesitos mais reveladores de seu perfil, exterioriza claramente seu estado circunstancial. Normalmente, aqueles que não consegue apreender com exatidão o sentido das palavras empregadas no discurso, de certa forma, procuram uma tradução no olhar do orador.

Portanto, atenção com o olhar: ele demonstra sua fraqueza, firmeza ou displicência. Em movimentos suaves, passeie com ele pelo salão, mas não fixe os olhos diretamente a uma pessoa, a menos que tenha um propósito bem definido, como no caso de lhe fazer uma referência direta. Por exemplo: “Vejo um jovem aqui... Como é bom ver a juventude assumindo trabalhos espíritas...”

5

Oratória clássica e Retórica

Sendo a palestra espírita um gênero específico de discurso, faz-se necessário fazer sua diferenciação em relação à Oratória clássica.

*

Tradicionalmente, diz-se que a Oratória – a Arte de Falar Bem – se desenvolveu inicialmente por volta do século IV a.C. em Siracusa, que era na antiguidade a maior e mais importante cidade da província siciliana, atual Itália.

O primeiro manual sobre a retórica teria surgido nesta cidade no século V antes de Cristo, supostamente escrito por Córax e seu discípulo Tísias. Córax escreveu a obra para orientar os advogados que se propunham a defender causas de pessoas que desejavam reaver seus bens e suas propriedades espoliados por tiranos.

Há até um interessante conto sobre o aprendizado de Tísias que diz que este se recusou a pagar as aulas ministradas pelo seu mestre Córax alegando que, se fora bem instruído pelo mestre, estava apto a convencê-lo de não cobrar o pagamento pelo estudo. Se este não ficasse convencido, era porque o discípulo ainda não estava devidamente preparado, fato que o desobrigava de qualquer ônus.

*

Na Grécia Antiga, mais do que em qualquer outro lugar, a fala tinha indizível valor, chegando mesmo a ser parâmetro para pesar o valor pessoal.

E no meio de tantas escolas filosóficas, surgiu a Retórica, a arte do convencimento pela eloquência, mas com uma diferença: o retórico propõe-se simplesmente a convencer, convencer e convencer, sem o escrúpulo de considerar a veracidade e integridade da alegação.

Os créditos da Retórica se devem aos sofistas. Estes formaram uma classe de filósofos – ou pseudofilósofos, segundo os seus opositores – que, mediante pagamento, viajavam de cidade em cidade ensinando técnicas de argumentação a fim de que mesmo os naturalmente menos desprovidos de

intelectualidade, pudessem usar de artimanhas da linguagem e das ideias associadas para se promoverem na vida social e política. Os sistemas criados eram tão envolventes que qualquer mediano se passava por sábio.

Atribui-se Demóstenes como o mais eloquente retórico de seu tempo – muito embora fosse gago.

Atualmente, retórica é sinônimo de oratória e pouca distinção se faz entre ambos. Isso implica que nem a Retórica é meramente o falseamento e nem a Oratória é o discurso puro, quase sagrado, como idealizavam os antigos filósofos da Grécia.

Por fim, acrescentemos que o poder de persuasão não está mais restrito à falação, mas a um conjunto de mídias visuais, muito bem exploradas pelo marketing e propaganda comercial.

*

Uma breve pesquisa e vamos encontrar ao longo da História moderna muitos oradores renomados e seus desdobramentos.

No século XIX, por exemplo, temos a figura de Adolf Hitler e o funesto resultado – a II Guerra Mundial. Os discursos do ditador alemão ainda são estudados e comentados até hoje, pois é fora de questão que eles impunham um fascínio incomum, induzindo uma ideia de divinização de Hitler.

O pastor americano Jimmy Swaggart – que também era bom músico (cantor, compositor e pianista) – desenvolveu um estilo retórico que o transformou nos anos 80 do século passado em um dos mais respeitados oradores do mundo e influenciou toda a geração moderna de pregação evangélica. Seus programas radiofônicos e televisivos tomaram conta do mundo até que sua reputação desmoronou bruscamente após ser flagrado em adultério – em duas ocasiões.

No Brasil, Edir Macedo, idealizador da Igreja Universal do Reino de Deus, revolucionou os métodos de arrecadação do dízimo e o negócio corre de vento em poupa. Circula na internet um vídeo comprometedor do bispo, em que ele próprio instrui seus prosélitos, demonstrando um agressivo método.

Recentemente, na área de promoção econômica e política, o marqueteiro Duda Mendonça fez escola. E pelos pulos partidários que deu, não deixa de ter dado um recado claro que seus artifícios técnicos eram simplesmente um produto comercializável. Praticamente desapareceu do mapa ao ser rastreado com dinheiro desviado para paraísos fiscais.

*

A palestra espírita, a seu turno, não pode ser um produto, mas uma missão sublime, um apostolado de Jesus. Nenhum recurso escuso deve ser aceito como proselitismo, nem a pretexto de se julgar que “a causa é válida” ou com a velha escusa de que “os fins justificam os meios”.

Sejam bem-vindas as boas técnicas e ideias sadias de dinamizar a oratória espírita, mas sempre em dia com a Verdade.

6

Interação

A pretexto de criar interação e dinamizar a palestra, há adeptos da ideia de que é bom, de vez em quando, fazer perguntas ao público. Em contrapartida, existem os que não aceitam em absoluto, sob o risco de abrir brechas para uma falação sem fim de um e de outro.

Normalmente, os que fazem indagações ao auditório são os oradores que deixam o público sonolento, com um argumento fraco. Mas, reza a prática, que há sim ocasiões bastante propícias para lançar uma questão no ar. Ei-las:

- **Quando a resposta for óbvia:** para dar um gás na atenção dos ouvintes e fazê-los se sentirem sabedores, pergunta-se coisas muito fáceis, que todos saibam, pois se você faz uma pergunta e alguém responde errado, fica chato ter que contrariar aquele ouvinte. Além do que, ele pode continuar se achando certo e começar a secar o palestrante.
- **Quando a resposta é desconhecida:** você faz a pergunta com a certeza de que ninguém saberá responder e, portanto, poucos ou ninguém se atreverá a arriscar um palpite. Ao mesmo tempo, o clima de suspense desperta interesse em saber a solução da questão proposta. Mas é preciso que seja algo realmente interessante. Do contrário, a frustração é garantida e as mentes ativas dos ouvintes elaboraram sentenças como essas: “todo esse drama só para isso?”, “e para que eu quero saber disso?”, etc.
- **Quando se quer colher opiniões diversas:** a intenção aqui é mostrar a diversidade e complexidade da questão, que cada um tem um pouco de razão e ninguém é detentor da verdade absoluta. Assim, que respondam certo ou errado, não terá importância o conteúdo das intervenções do público, mas sim, a somatória da participação deles.
- **Quando se quer ganhar tempo mesmo:** é quando o palestrante

perdeu o rumo de que tratava e quer uma pausa para reelaborar os conceitos.

*

Uma dica interessante, quando se tem uma turma animada e participativa, é ensinar que a plateia complete palavras. Exemplo: “O mecanismo que a Divindade estabeleceu para a constante reformulação do indivíduo é a **reen**... (ao que o público completa: ...**carnação!**)”. Mas o recurso só é bem aplicável quando se trata de palavras grandes, as quais o orador fale um ou duas sílabas e já deixe evidente o restante a ser completado – para não ter erro.

Mas não é bom repetir muito e, se de primeira não conquistou uma boa adesão, que seja a derradeira também.

*

Agora, cá pra nós: o sonho de consumo de todo palestrante é ser esporadicamente engraçado, para quem o riso é a melhor demonstração de interação da parte dos ouvintes.

E é muito bom mesmo.

Ocorre que o humor de quem escuta varia muito e trabalhosa demais é a empreitada de arrancar risos de uma assembleia espírita. A piada tem que ser muito boa ou o cara que fala dispor de muito prestígio, pois, quando o sujeito é excelso em algum quesito, em relação aos que estão em seu redor, mesmo quando conta uma anedota sem graça, todos riem – seja por bajulação, seja por piedade.

Lamentavelmente, muitos absorvem quase nada da essência que se pretende transmitir pela palestra, entretanto, é quase impossível se esquecer do bom gracejo contado na reunião, que tenha feito todos rirem. Nisto, se iludem muitos palestrantes, ao verem a soma de pessoas a lhe parabenizar, ao termo da sessão, sendo que dentre estes, grande é a soma dos que o acharam mais engraçado do que bom instrutor.

E qual é o foco mesmo de uma palestra? Instruir ou entreter?

Ademais, se já é terrível suportar histórias sem graça, insuportável são as que degradam pessoas, instituições ou coisa parecida. Porque a piada tem o caráter invariável de perda e dano de pelo menos uma das partes envolvidas: ou é o português que é burro, ou é o bêbado, ou é alguém que foi trapaceado, ou que alguém que caiu, etc. Doutra feita, do que se ri?

Um recurso válido é o próprio orador se colocar como “a vítima”. Era o que Chico Xavier fazia para entreter seus amigos, narrando “os cascudos” que recebia de Emmanuel toda vez escorregava.

O humor depende muito do ambiente, ocasião, receptividade do povo e especialmente da simpatia dos dirigentes da casa.

*

Fundamental também é a distinção do “eu” e do “nós”.

Geralmente, usamos o plural – unindo-se ao público – para as responsabilidades gerais, e por isso, dizemos “vamos aprender mais sobre a Codificação...” ao invés de mandar o povo estudar. Mesmo que seja especialista em algo, coloque na condição de aprendiz também, numa permuta comum de que “quem ensina mais aprende”.

No entanto, aquilo que é exclusivo a si mesmo, use o pronome pessoal singular: “Estou muito feliz em estar aqui...”.

7

Vibração e magnetismo

O próximo passo para a evolução na comunicação humana é a telepatia, quando não mais se falseará a verdadeira mensagem nem a essência do pregador.

É sabido que o pensamento é a linguagem da espiritualidade e, portanto, a verdadeira mensagem é a que está no íntimo do ser, de onde brota o pensamento – tantas vezes manipulado pelo joguete de palavras.

No plano espiritual, as entidades superiores podem se ocultar e se abster de revelar seus pensamentos diante dos menos evoluídos e o fazem comumente em determinadas situações, por razões sempre plausíveis, em que haja proveito para ambos. Contudo, o inverso não é possível: os Espíritos jamais se escondem de seus superiores e são conhecidos em todos os detalhes.

Os Espíritos adiantados, porém, estão sempre abertos uns para os outros porque não têm o que ocultar, e nos mundos cujo progresso está bem encaminhado, eles se convivem abertamente pela telepatia.

*

É notável que a Terra ainda tenha muito que percorrer para lograr tal status, mas desde já podemos exercitar o primeiro estágio dessa faculdade: a vibração.

Na telepatia o emissor deseja enviar a mensagem e a vibra, ao que o interlocutor, com a força da mente, capta a mensagem conforme fora vibrada.

O ensaio que propomos através da vibração consiste em desejar, com toda nossa força, que aquilo que queremos transmitir seja de tal forma captada. Logicamente que, por não termos a faculdade telepática, faltará o receptor. Mas é bem verdade que inconscientemente já é comum o afloramento mediúnico do pressentimento.

Tal fenômeno recebe o nome de Magnetismo.

Os especialistas na área de Sociologia e Psicologia – que ainda não conhecem a Doutrina Espírita – costumam dizer que pessoas líderes natos têm carisma – o “dom” de exercer o fascínio por sobre os outros, tal qual o caso de Hitler. Quem é carente dessa virtude, segundo a mesma tese, pode desenvolver seu magnetismo, mas apenas até certo grau – como se a distribuição de qualidades fosse um ato fortuito da Natureza ou bondade de Deus para com uns.

O Espírita, por sua vez, sabe que todas as capacidades são inerentes ao ser espiritual, resultados do esforço individual de cada um em se qualificar. Com o conhecimento e o comprometimento, o sujeito pode fazer bom uso das vibrações que conscientemente ele produz em anexo com seu discurso.

Então, façamos vibrar nossa mensagem. Ao exprimir as palavras, exale juntamente vibrações de luz, porque a palestra espírita também é uma oração.

8

Daí de graça...

Já que falamos sobre comprometimento, tratemos agora de um assunto sempre polêmico: bônus material.

Ressaltando o devido respeito aos que pensam contrário, somos francamente favoráveis à proposta de que o serviço espírita deve ser totalmente gratuito: animação musical, atendimento fraterno, terapia mediúnica e, idem, palestra. Como missão apostólica – evangelização mesmo –, não faz sentido o palestrante cobrar pela oratória espírita, pois o exemplo do Cristo é a abnegação. O espírita deve, a nosso ver, ter seu sustento material fora do âmbito espírita. Ele até pode muito bem ter lucros através com palestras de outras naturezas (treinamento para vendedores, impressionismo político, motivação empresarial, etc.), mas não dentro do âmbito espírita.

Também não vale a cobrança camuflada: tem muita gente que se apresenta para fazer suas supostas palestras espíritas e no fim, vemos que o foco é mesmo o de exposição e feira de produtos como livros e discos. Não que seja errado o palestrante editar e promover obras literárias e outras mídias, mas que esse não seja o ponto primordial – desde que, também, esses produtos não sejam para benefício material do palestrante.

Por extensão – até para clarear nossa posição –, achamos justo e louvável que livros e outras mídias espíritas sejam comercializadas e, além da doutrinação que operam, visem um lucro para serem revertidos em serviços sociais e manutenção de Centros Espíritas ou outras instituições beneficentes. Esse pensamento condiz com a campanha paralela da “mediunidade com Jesus”, cujo epígrafe é a recomendação de Jesus: “Daí de graça o que de graça recebeste” (Mateus, 10:8), tão bem esmiuçada no capítulo XXVI de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec.

Infelizmente, temos visto muita gente usar o palanque espírita para se promover financeiramente, disfarçados de cantores espíritas, palestrantes

espíritas, escritores espíritas, etc. Alguns deles alegam abertamente que não receberam os dons gratuitamente, mas que os desenvolveram mediante estudo e treinamento. Isso não deixa de ser verdade, pois o músico espírita pode ter pago um curso de canto e instrumentação, o palestrante pode ter tido gastos com livros e pesquisas, etc. Mas se eles gastaram verbas pessoais com o intento de recuperar o investimento dentro do trabalho espírita, então, aplicaram mal.

É bem verdade que a parte logística precisa ser subsidiada: a confecção de um livro, a gravação de um disco, a locomoção de artefatos e afins. Em certos casos, quando o palestrante é convidado e vem de muito longe, em que lhe pese despesas de locomoção, idem aqui consideramos adequado que a Casa banque os custos, cuja receita pode ser obtida por venda de produtos relacionados.

Notemos, porém, a diferença entre custos e lucros e a **intenção**, uma vez que frequentemente os que visam interesses pessoais, muito mais se esforçam para demonstrar pretensa humildade e desprendimento.

“Que a mão esquerda não saiba o que a mão direita faz...”

Jesus (MATEUS, 6:3)

Ver também em O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec, Cap. XIII

*

Além da questão financeira, há o perigo da exaltação do orgulho e da vaidade mediante a fascinação – um dos estágios obsessivos. Se o trabalhador for desagregador, sua exuberante capacidade oratória não o salva e este pode pôr a ruir o bom andamento dos trabalhos do grupo, em que tem como ponto elementar a harmonia de vibrações.

9

Fórmulas modernas

Os gregos e sicilianos só tinham o recurso verbal para explicar suas ideias, mas a modernidade nos permite recursos riquíssimos e inovadores para formular uma oratória dinâmica.

Palestra musical

A música espírita vem ganhando corpo e feito um espetacular trabalho de evangelização. Com sua sutileza, ela penetra mais facilmente nas brechas dos corações mais rochosos, onde a doutrinação comum ainda esbarra.

Uma só canção pode servir de inspiração para toda uma oratória. De outra forma, a palestra pode ser uma mescla de músicas interligadas pela fala, mas não uma fala comum: que seja em tom lírico, emotivo, para não quebrar o clima poético.

Outro requisito básico aqui é a execução manual, ao vivo, para que a harmonia vibre com força. A reprodução mecânica do som, por CD, esfria e torna a sessão muito chata. Lembrando que pode haver aqui uma combinação: palestrante e outros músicos.

A palestra musical é, assim, um fino expediente, desde que, claro, tenha o mínimo de qualidade.

Anexos artísticos

É uma tendência moderna colorir a oratória com toques artísticos, como ilustrar pequenos contos com encenação teatral, dança, jogral, poesia, etc. Tudo isso é interessante sim, mas, como no tópico acima, deve haver qualidade.

Aparato audiovisual

Apresentação de slide é um artifício extraordinário porque, entre outras coisas, possibilita:

- Frisar palavras-chave do discurso;
- Demonstrar a ortografia de palavras complexas (como os termos estrangeiros);
- Visualizar mapas, esquemas gráficos, fotografias e afins, que demandam muito tempo para serem explicados apenas com palavras;
- Serve de guia para o palestrante não se perder no tema e o ajuda a calcular a cronometragem da exposição.

Mas atenção: além da necessidade de uma boa montagem gráfica da apresentação, é preciso se atentar para alguns detalhes técnicos. Eis alguns:

- A reprodução de telão exige um ambiente pouco iluminado. De que adianta ter uma linda montagem se a imagem ao público não é boa?
- Muito cuidado com a sequência dos slides: um quadro deslocado pode quebrar toda a linha de raciocínio e comprometer a compreensão da ideia;
- É preciso calcular bem o tempo de cada passo para não ter que correr no final ou, pior, “pular” a explicação de itens;
- Se for usar um apontador laser, fique atento para onde o faz correr, pois os ouvintes correrão os olhos instintivamente para onde ele for. Não faça movimentos bruscos com ele e quando quiser especificar um ponto na tela, não o circule, apenas aponte;
- Monte a aparelhagem com boa antecedência. A montagem de equipamento eletrônico fica cada vez mais complicada quando o tempo é curto e problemas físicos podem ocorrer a qualquer momento (fio quebrado, máquina travada, queda de energia, etc.). Assim sendo, **não dependa de máquinas** para realizar sua palestra. Se algo der errado, esteja preparado para a velha e boa oratória verbal e, principalmente, não demonstre desapontamento pelo incidente.

10

Pedagogia espírita

Sendo nosso foco a doutrinação espírita, nossa palestra deve estar alicerçada em dois alicerces primordiais: Jesus, O Cristo, e a Codificação Espírita, por Allan Kardec.

Referências salutares poderíamos tecer sobre outros dignos nomes – tais como Platão, Sócrates, Buda, Gandhi, Rousseau, Pestalozzi, etc. –, entanto, para fins práticos e não alongar nosso estudo, iremos nos abster deles, porém deixando a indicação de uma abordagem mais completa tal como encontramos no livro PEDAGIO ESPÍRITA de Dora Incontri.

A pedagogia de Jesus

Nosso guia e modelo por excelência, Jesus nos legou um jeito especial de doutrinação, uma pedagogia peculiar e altamente eficaz que transformou a Humanidade.

Vejamos alguns apontamentos de Seu molde de palestrar:

- **Valorização do indivíduo:** Jesus acredita na realização pessoal de cada indivíduo – *“Vós sois a luz do mundo.”* (Mateus, 5:14);
- **Aproximação:** procura estabelecer laços com todos – *“As minhas ovelhas ouvem a minha voz: eu as conheço e elas me seguem.”* (João, 10:27);
- **Temporização:** compreende que tudo tem o seu tempo, que a evolução progressivamente e o aprendizado é cumulativo – *“Primeiro a erva, depois a espiga e por último o grão cheio na espiga.”* (Marcos, 4:28);
- **Adequação linguística:** Ele exemplifica seus ensinamentos através de parábolas simples e acessível, numa linguagem típica dos camponeses

- de Seu tempo – O semeador, o filho pródigo, parábola dos talentos, etc.
- **Convite à reflexão:** induz o ouvinte a se questionar e buscar respostas por si mesmo – *“Quem foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?”* (Lucas, 10:36);
 - **Estímulo à autoavaliação:** Jesus instrui-nos a sermos nossos próprios inquiridores – *“Quem dentre vós estiver sem pecado, que atire a primeira pedra.”* (João, 8:7);
 - **Dinamização:** Conversa, pergunta, narra contos, ensina, exemplifica e até debate sobre si mesmo – *“Quem os homens dizem ser o Filho de Deus?”* (Mateus, 16:13);
 - **Contato:** Vai ao encontro do povo, toca-os, abraça crianças, divide o pão com eles e não reclama das acomodações, da distância, do horário, etc.
 - **Esperança e consolação:** prega um melhor porvir, o companheirismo e a recompensa – *“Vinda a mim, todos que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.”* (Mateus, 11:28);
 - **Humildade e comprometimento:** promoção da mensagem e não elevação pessoal – *“O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir...”* (Mateus, 20:28).

É evidente que os textos evangélicos contidos na Bíblia (Mateus, Marcos, Lucas e João) não encerram todos feitos do Cristo, mas para termos uma boa amostra da sua pedagogia, basta lermos a maior e mais influente preleção da História da Humanidade: ***O Sermão da Montanha***. O resultado do método por ele aplicado foi assim descrito:

“Ao concluir Jesus este discurso, as multidões se maravilharam da sua doutrina; porque as ensinava com autoridade, e não como os escribas”.

(Mateus, 7:28 e 29)

O que nos distancia do Mestre é justamente a falta da nossa autoridade, condição que se galga com a depuração. Contudo, uma vez mais dizemos que se não atingimos a perfeição, já estamos a caminho dela e isso nos outorga condições de evangelizar, desde que ninguém se coloque num pedestal acima de seu real status. Além disso, o próprio Jesus nos delega a missão apostólica:

“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”.

Jesus (Marcos, 16:15)

E deixou um parâmetro que bem estabelece a relação teoria e prática:

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”.

Jesus (João, 13:35)

Pedagogia de Kardec

Não à toa a Codificação Espírita foi confiada a Allan Kardec, pseudônimo do professor Rivail – portanto, um pedagogo de ofício.

Foi discípulo de Johann Heinrich Pestalozzi – o pioneiro reformador dos métodos educacionais – e fiel ao método deste, que propunha um ensino à base da liberdade, da igualdade com singularidade (ver o igual valor entre todos os homens, apesar das diferenças) e do amor ao aprendiz, num sistema que agrega naturalmente a escola à família e vice-versa.

Então, o mestre francês Hyppolite Léon Denizard Rivail – o pedagogo profissional – deu lugar ao missionário espírita, Allan Kardec. Vemos no trabalho do codificador (pelas Obras Básicas e demais produções) a execução prática do referido método pestalozziano que, embora se isentasse do proselitismo religioso, em tudo se correlaciona com a pedagogia cristã verdadeira – diferentemente do catecismo igrejístico dos católicos ou protestantes. Um estilo que privilegia não a forma, mas a essência: a mensagem.

Nenhum outro subsídio nos parece tão mais rico do que os cinco livros da Codificação Espírita e, como estilo, especialmente O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO.

O palestrante espírita tem por dever ler e reler constantemente as Obras Básicas e se guiar por elas.

“A Educação Espírita será a nossa contribuição para o Novo Mundo de Amanhã, sendo ao mesmo tempo a nossa paga aos países que nos deram seus homens, sua cultura e seu gênio para que pudéssemos crescer sob as luzes do Cruzeiro do Sul”.

José Herculano Pires

11

Elaboração

Começemos a trabalhar a melhor parte do nosso estudo: a prática.

Há muitos palestrantes que sempre se sentem seguros em explanar suas ideias de pronto, sobre qualquer assunto, sem ensaio ou planejamento. Fazem isso igualmente como no culto do “Evangelho no Lar”: abrindo uma página aleatória de um livro (normalmente, O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO) e dissertando sobre o tema correspondente à leitura sorteada – ou “escolhida pela espiritualidade”, como creem alguns. Não deixa de ser um método válido, especialmente quando o cara tem todo um cabedal doutrinário e muita prática com a oratória. No entanto, somos favoráveis da elaboração.

Primeiro que o roteiro do Evangelho no Lar é uma reunião para um resumido grupo de pessoas, costumeiramente todas afins e com um objetivo bem traçado: uma breve meditação comunitária acerca de passagens de ordem filosóficas/religiosas, ou seja: trechos dos ensinamentos de Jesus. Enquanto isso, a palestra tem um caráter mais largo e expansivo, merecendo um retoque mais apurado.

Vamos então analisar algumas concentrações de como preparar uma palestra espírita.

O tema e o título

É, antes de tudo, preciso escolher um tema – o que para muitos é causa de aflição, quando se pretende determinar um que seja “forte”.

A nosso ver, um bom assunto e um bom título desperta curiosidade e promove a palestra, mas não é ela, em si. Preciso é que haja o conteúdo correspondente e este precisa ser bem explanado. Além disso, não temos que “criar” temas: eles existem por si só e a Doutrina Espírita é inesgotável de

fontes. Cabe-nos explorar e esmiuçar cada gota de sabedoria e consolação que compõem o Espiritismo, desenvolvendo seus conceitos ao trazê-los para a vida prática; para a realidade atual, especificando suas derivações. Por exemplo: “Família” é um tema maior – muito vasto a ser estudado, por sinal – e tem ramificações infinitas que podem ser melhor abordadas individualmente, pois, quem consegue esgotar tal tema numa só palestra? Daí, brotam subtemas característicos como: “Planejamento familiar”, “Afeto e desafeto entre parentes”, “Reencarnações nas famílias”, “Parentela carnal e espiritual”, “Piedade filial”, “Casamento e divórcio”, “Evangelho no lar”, etc.

Muitas vezes a ocasião faz o tema, como uma data comemorativa, um evento em especial ou uma circunstância na vida pessoal do palestrante ou de quem se tem nota. No entanto, na falta de inspiração para a escolha, leia, assista filmes, converse com pessoas, etc.

A mesma palestra pode ser repetida quando houver novo público (em trabalhos de outros horários ou em Casas diferentes). Isso também nos ajuda a refinar nossa performance.

Elabore um título criativo, nomeie sua palestra e promova-a – a palestra, não o palestrante. Convide amigos, fixe cartazes, escreva no seu blog, mande e-mails e tudo mais.

Esquematização

O esquema de uma palestra é similar a de uma redação: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Comece fazendo um esboço simples: os pontos principais que envolve o tema e o que exatamente se quer dizer sobre ele (objetivo da palestra), levando em conta o comum (o que todo mundo diz) e possíveis elementos novos (o Espiritismo continua evoluindo juntamente com a Ciência comum) e criatividade pessoal (novas formas de exemplificar os velhos conceitos).

Em seguida, rascunhe os procedimentos:

- **Introdução:** breve descrição da palestra; hora de levantar questões, despertar curiosidade e ganhar a atenção do público;
- **Desenvolvimento:** solucionar as questões propostas com um parecer claro e objetivo – de acordo com a Doutrina, evidentemente;
- **Conclusão:** fazer o fechamento com uma argumentação em torno de duas ideias: solicitação (por exemplo: “vamos continuar pesquisando esse tem...”) e motivação (“cada um de nós tem as potencialidades necessárias para conseguir aprender mais sobre isso...”).

Ao elaborar toda a palestra, separando os pontos principais em parágrafos, marque os tópicos principais da sua argumentação e leve como as anotações-guias para a oratória. Ficará mais fácil de seguir uma linha de ideias e não esquecer nada. Ao pegar a palavra-chave, você conseguirá desenvolver o tópico facilmente. Se tiver boa memória, nem precisará nada escrito.

Cronometragem

Calcule bem o tempo para explicar tudo sem precisar galopar no final – quando sentir estar atrasado – ou não ter que cozinhar o galo – quando o assunto acabar. Ensaie a exposição e meça o tempo aproximado para cada parte dos procedimentos.

A parte do desenvolvimento é a de maior duração: aproximadamente 80% do tempo total da exposição; introdução e conclusão devem gastar cerca de 10% cada.

Alinhamento de ideias

O desenvolvimento deve seguir uma linha lógica (sempre dentro do tema), crescente (do simples para o complexo, do problema para a solução, da causa aos efeitos), coerente (não apenas com a filosofia espírita, bem como o seu modo de pensar sobre, sem contradição) e instrutiva (mostrando alternativas positivas e úteis à vida prática).

Recursos extras

Como já dissemos, se puder contar com recursos audiovisuais, ótimo! Eles são muito úteis para ilustrar com mais facilidade o que demandaria muitas explicações orais. Se não, não se apoquente! Há os recursos clássicos que ainda funcionam bem.

- **Citações e referências:** sempre causa boa impressão. Citar frases correspondentes ao tema da palestra dá respaldo ao que está dizendo, especialmente se vêm de fontes consagradas. Não parece lógico assistir a uma palestra espírita sem ouvir nenhuma citação sobre Jesus Cristo, ou às Obras Básicas de Allan Kardec, ou a Emmanuel, ou André Luiz ou a Bezerra de Menezes. Não significa, porém, que devemos nos limitar aos ditos “medalhões espíritas”; há uma gama de filósofos – clássicos e

contemporâneos – e bons ensinamentos. Consta na internet sites especializados em catalogar citações sobre variados, de modo a facilitar a pesquisa.

Entretanto, é preciso ter em mente o dever de não usar citações falsas (atribuir sua fala a alguém) ou desvirtuar a fala dos outros (interpretar erradamente a opinião dos outros para confirmar a sua tese).

- **Contos e historinhas:** Por que estamos fortemente influenciados pela matéria (o que não é algo sistematicamente negativo), um exemplo da vida física pode valer por noites de explanação. Logo, narrativas curtas, objetivas e que contenham uma boa filosofia, ajudam na evangelização muito mais que o sermão puro e simples – é o artifício das parábolas que Jesus tanto usou. Só tenha o cuidado de selecionar boas histórias e contá-las direitinho, para criar expectativa e deixar uma lição forte. Agora, se o conto fraco...
- **Música e poesia:** também é interessante como citação ou referência, além de mexer mais com a sensibilidade dos ouvintes. Contudo, é preciso que a peça esteja em total acordo com o tema e não se estenda muito. Se for o caso, corte-a, usando apenas o trecho específico.

Selecione uma boa coletânea de extras – ainda que não vá usar todas – estabelecendo uma ordem de valores e prioridades. Na medida em que sentir a receptividade do público, você vai colocando esses recursos para preencher o tempo da palestra.

Conclusão

Uma palestra não pode ter a pretensão de encerrar o tema. O melhor mesmo é quando deixa reticências, desperta para mais e mais estudos. Assim, a fala de encerramento não pode ter o caráter de despedida.

É comum que os menos preparados finalizem a oratória como quem tivesse esgotado o assunto e que nada mais restasse para dizer sobre. Em alguns casos, notamos certa frustração no expositor por não ter conseguido dizer tudo que queria, por não ter mais conteúdo ou por não ter empolgado o salão. Aí, finalizam a oratória com frases excessivamente tímidas do tipo “É isso. Espero que tenham gostado...”; “Peço desculpas pelos erros...”; “Era tudo que tinha pra dizer...”, etc. – num tom de voz quase mendicante. Estes, provavelmente só receberão aplausos por caridade.

Finalize sua palestra com emoção, firmeza e satisfação de ter feito um bom trabalho, num tom de voz altivo e não como se tivesse acabado o gás.

Ainda que pareça apelativo, uma ideia engenhosa para encerrar a oratória é fazer uma citação ou uma prece otimista (por exemplo: “Que desde já, estejamos mais próximos da nossa regeneração!”), como a de um agradecimento e louvor (“pela luz e consolo que alcançamos pela Doutrina Espírita, só podemos lhe dizer: *muito obrigado, Senhor!*”). Divaldo Pereira Franco – notável orador espírita – costuma usar como conclusão o “Poema da Gratidão”, do Espírito de Amélia Rodrigues, que ele mesmo psicografou. E, diga-se de passagem, somando a beleza da composição com a interpretação que ele executa, é uma oração espetacular.

Preparação prática

Tão logo tenha elaborado sua palestra, exercite-a sozinho (frente a um espelho) ou diante de alguém que lhe ajude numa autoavaliação – mas sempre se imaginando diante de uma boa e numerosa assembleia.

O ensaio, sobretudo para os menos experientes, permite quebrar a inibição, desenvolver a memorização dos tópicos (do rascunho) e treinar a voz.

Improviso

Agora, esteja ciente de que, por mais que planeje – nos mais mínimos detalhes –, provavelmente você falará 90% por improviso, exceto se resolver ler um discurso.

O expositor experimentado tem a sensibilidade para medir o nível intelectual, o grau de interesse despertado e a receptividade do salão para com sua teoria, de modo a se adaptar às circunstâncias. O que implica dizer que no ato de elaboração, ele avalie várias possibilidades, como usar mais ou menos do humor, preparar um conteúdo mais ou menos aprofundado; variar a linguagem entre o popular para o rebuscado ou técnico, etc.

Além das várias situações elaboradas, há as inúmeras ocorrências que só a experimentação poderá gabaritar o palestrante. Ou seja, só indo à guerra para saber como é que é.

No final da elaboração, revise as ideias, considere alternativas e faça reajustes (enxugando excessos).

12

Aplausos ou não

Afinal, o palestrante pode ou não pode ser aplaudido?

O servidor palestrante, voluntário que é, não pode almejar o aplauso, pois cumpre uma função qualquer. A aclamação das palmas não deve ser o seu prêmio e todo aquele que palestra pelo preço da ovação só receberá muito pouco – exatamente isso: no máximo, meio minuto de palmas.

O que deve motivá-lo é a satisfação de ser instrumento da renovação das pessoas que buscam uma Casa Espírita no sentido de promover a reforma íntima. Saber ainda que poderá transformar consciências e semear frutos que se multiplicarão incontavelmente.

Porém, isso não quer dizer que ele não possa ser aplaudido. Somos favoráveis aos aplausos, como forma de agradecimento pela dedicação do voluntário, pela caridade de dividir conhecimentos e experiências, finalmente, como motivação para que o palestrante volte a nos agraciar com novas e melhores oratórias.

A aclamação é também uma espécie de medidor das capacidades do orador. Aquele que for realmente comprometido com o Espiritismo não se vangloriará com as palmas, mas tomará aquela congratulação como um compromisso de se manter resoluto na seara bendita.

Se alguém te faz um elogio do tipo “que bela palestra, amigo”, lhe põe num patamar tal que não lhe permite descer sem dores. Ou seja, você se sentirá a, pelo menos, manter o nível de uma palestra “bela”. Essa conceituação o incita a pensar deste ponto para cima. O resultado é que teremos cada vez mais expositores espíritas melhores.

O que não pode acontecer é a cegueira de, a pretexto de “ganhar o público” e garantir segundos a mais de palmas, o palestrante deturpe sua argumentação simplesmente para agradar os caprichos do público (por exemplo, transformar a aula numa sessão de piadas).

13

O que torna uma palestra inesquecível

Tem um ditado popular que diz: “quem pouco viu, muito se admira”.

Hoje, com o progresso tecnológico e vias avançadas de comunicação, o povo tem muita informação a correr à frente dos olhos, de maneira que é muito difícil ser original – para não dizer impossível. No entanto, apesar de ter acesso a muito conteúdo, e até pelo excesso de muita informação ao mesmo tempo, poucos conseguem absorver bem esses dados que abundam a consciência e tudo fica meio que automático. Portanto, o novo não está na informação em si, mas em despertar o entendimento e a sensibilidade quanto às suas consequências.

O palestrante espírita tem esse enorme campo a explorar: juntar dados e fazer com que as pessoas sintam e vivenciem as informações. Por exemplo, os sistemas da reencarnação já são bastante divulgados e exemplificados na vida comum através de filmes, novelas, piadas, conversas diversas na rua, etc. O que talvez tenha faltado para a maioria das pessoas não espíritas é o exercício do pensamento em se colocar numa situação reencarnatória para compreender os problemas que as envolvem atualmente. Assim, por sugestão de um palestrante, o ouvinte pode se colocar num sistema e vivenciar o drama de ter ofendido aquele alguém de quem hoje sofra perseguição. Essa circunstância pode modificar vidas, pois provocará reflexões e responsabilidades.

Logo, o palestrante não está dizendo nada novo (reencarnação, expiação, lei de ação e reação, etc.), mas está fazendo uma nova associação de ideias que talvez seja revolucionário para várias pessoas.

Na falta do que dizer, muitos se apegam à tática de “reinventar a roda”,

aplicando novos nomes a velhas expressões, criando sistemas complexos para camuflar o simples, dando a entender que muito sabem. O que Kardec chamou de “perispírito”, por exemplo, recebe diariamente novas conceituações (“psicossoma”, “corpo bioplasmático”, “Modelo Organizador Biológico”, etc.). Tudo isso para imprimir a marca pessoal.

Em geral, o que torna uma palestra inesquecível para o expectador é:

- **Ter aprendido algo:** seja uma informação inédita ou uma nova e criativa associação de ideias. Estamos nos referindo a algo realmente útil ao dia a dia, que seja capaz de melhorar a vida prática da pessoa, como uma dica para desenvolver hábitos positivos, melhorar o relacionamento com os outros, oferecer ideias para uma reavaliação de problemas comuns, etc.

Nesse quesito, o Espiritismo tem muito a oferecer, sendo corroborado cada vez mais pelas descobertas científicas atuais;

- **Ter se sensibilizado:** se nada de novo foi aprendido, a palestra pode ser salva quando sensibilizar a pessoa; quando desperta sentimentos, como os de motivação para o perdão, para o autodescobrimento, para enfrentar os desafios do dia a dia. Muitas pessoas vivem num automatismo e precisam de impulsos conscienciais, ou seja, de um choque emotivo para tomarem atitudes mais racionais (sabem das leis, mas precisam se convencer que precisam cumpri-las). Uma palestra pode ser fundamental para o desabrochar de virtudes;

Para esse gênero, uma boa história ou citação (com um forte recado filosófico) é um bom pedido;

- **Ter se divertido:** não queiram primar por essa linha, mas é fato que quando um assunto trivial é tratado – muito sabiamente – com delicadeza e divertimento, quebrando traumas ou bloqueios comuns, o espectador passa a considerá-lo, quando antes desdenhava. Assim, o aprendizado ou a sensibilização vem como mensagem subliminar, disfarçada. Por exemplo: imagine-se num salão espírita e entra o palestrando anunciando que o tema da noite é “pluralidade dos mundos habitados”. É provável que você imediatamente faça aquela cara de quem já não aguenta mais ouvir falar sobre pluralidade dos mundos habitados, seja por que já se cansou de ler sobre isso ou pelo fato de já ter assistido a incontáveis oratórias a respeito. De fato, é um tema bem batido e aparentemente sem muito atrativo, explicável em dois ou três minutos e que não ocuparia todo o tempo de uma palestra. Entretanto, se explanado de uma forma bem divertida e dinâmica, poderá causar grande impacto e abrir o leque para novos aprendizados

mais complexos, como: importância de investimentos em pesquisas espaciais, diversidade de planos (planetas físicos, colônias espirituais, postos transitórios de socorro espirituais, etc.).

A mesma tática serve ainda para assuntos muito graves ou truncados. Richard Simonetti desenvolveu uma palestra sobre “morte” e depois de uma série de apresentações, sempre com muito humor, a sua argumentação virou livro “Quem tem medo da morte?”.

Importante saber dosar o humor para alcançar o êxito desejado, e é muito difícil saber o limite do engraçado para o ridículo.

Todo mundo sai satisfeito quando compreende que aprendeu uma coisa útil e decisiva para sua vida, ou por que aflorou sentimentos antes sufocados pelo embrutecimento, ou finalmente, pelo fato de revigorar sua consciência rumo à sua transformação pessoal.

Quando o expositor não lhe ensina nada, quando não o faz rir, nem o empolgou, a sensação é a de perda de tempo. E, nesses dias corridos, tempo ninguém pode se dar ao luxo de desperdiçar.

Como conseqüente, podemos dizer o que faz o ouvinte desejar esquecer uma palestra e nunca ter estado ali:

- Vazio de conteúdo: normalmente, o que mais ouvimos nesses casos é “éééé...”, “né?...”, “ãããã...”;
- Sonolência: o palestrante é muito lento na argumentação e, como recurso para manter os ouvintes acordados, repete palavras dos tipo “finalmente...”, “então...”, “para concluir...” – por que aí se tem a ilusão de que já está acabando;
- Pessimismo: o orador toma todo o tempo para apontar erros e defeitos e enche o salão de lamúrias;
- Abundância de dados: perdendo o foco principal, o palestrante entra num tema e vai para outro e acaba não desenvolvendo nenhum. Isso confunde e não ensina nada;
- Sermão: o expositor fica recitando “faça isso! Faça aquilo!”;
- Contradição: desdizer aqui o que disse acolá confunde as pessoas e joga a credibilidade da palestra no lixo;
- Indelicadeza: a maioria dos ouvintes presta atenção em tudo, desde o momento em que o palestrante chega ao salão como o seu modo de tratamento dispensado a todos. Reclamar do som, fazer exigências, posar de superioridade, enfim, qualquer indelicadeza e grosseria compromete a palestra;

14

Exemplo prático

Vamos ver na prática como se dá a elaboração de uma palestra.

- 1) Para começar, vamos escolher o tema mediante o objetivo principal:
Tema: “O **serviço**”.
Objetivo principal: falar sobre nossas obrigações dentro do plano reencarnatório.
- 2) Definir o título:
“**A Arte de Servir**”.
- 3) Elaboremos ideias básicas que envolvem o tema:
Ajudar sem olhar a quem;
Servir sem ostentação;
Retribuir o mal com o bem;
Servir sem esperar recompensa;
Caridade (material e moral);
Ingratidão;
Voluntariado e o terceiro setor (ONGs).
- 4) Seguindo as fontes:
Vamos pesquisar sobre o tema em livros, vídeos, internet, etc. Vasculhando o índice de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, encontramos o cap. XIII “Que a mão esquerda não saiba o que a mão direita dê”, onde encontramos um rico subsídio para a argumentação.
Nos Evangelhos bíblicos, vamos encontrar em Jesus o modelo completo de servidão, como na ocasião em que o Cristo lavou os pés dos discípulos (João, 13).

Na internet, de interessante encontramos o “manual do voluntário”.¹

5) Façamos um resumo da argumentação pretendida:

A posição de encarnado implica que temos tarefas a cumprir, seguindo um plano previamente combinado; reencarnando juntos, somos todos devedores e credores uns dos outros; a forma mais concreta de nos elevarmos é através da caridade – o amor a serviço do bem comum; a receita de Jesus para nossa realização pessoal é servir (“quem quiser ser o maior, o primeiro e o mais importante, que seja o que mais sirva aos outros”); a ingratidão é uma cegueira que o tempo cura e, cedo ou tarde, o favorecido se conscientiza da servidão daquele que o ajudou; a recompensa de quem serve com caridade é ver o favorecido sair da condição de necessitado; ainda estamos envolvidos pelo materialismo e o individualismo, mas há muitos sinais de progresso no caminho para a solidariedade e entre outras provas temos o surgimento recente do “terceiro setor” (trabalho voluntário das ONGs).

6) Reunir histórias, citações e referências:

“Eu não vim para ser servido, mas para servir” Jesus (Mateus, 20:20-28).
Biografia de Anália Franco.

A Oração de São Francisco é um testamento do bom servidor.

7) Desenvolvimento:

Hora de pôr as ideias em ordem e rascunhar a argumentação. Aqui está o texto desenvolvido para servir de base para a palestra:

A ARTE DE SERVIR

No estado de infância espiritual, somos tentados ao materialismo e ao individualismo, em que, por isso, pretendemos ter as coisas primeiramente para nós e, portanto, queremos ser servidos, queremos que as pessoas compreendam as nossas necessidades e caprichos, sem levarmos em conta que os outros também têm a mesma importância que nós. Estando nesse estágio de aprendizado, queremos do bom e do melhor quando somos servidos e quando servimos, naturalmente queremos ser prontamente reconhecidos e recompensados. Ainda se vê a cultura de preparar o filho e o cidadão para “vencer na vida”, muitas vezes, atropelando a ética – “o fim justifica os meios”, dizem. O ensinamento vulgar é ser feliz e aproveitar a vida. Nessa corrida desesperada para essa tal felicidade, é cada um por si e só Deus

¹ Disponível pelo link:

por todos. Entretanto, o desabrochar da consciência nos move a vislumbrarmos um mundo melhor, a partir de cada um de nós, quando descobrirmos a satisfação de viver em fraternidade, onde todos se ajudam e se realizam. Isso ocorre quando descobrimos a arte de servir.

As religiões e a Filosofia clássica trouxeram à humanidade um ensinamento mais solidário. O ensino religioso nos falou dos valores espirituais, em contraponto aos valores materiais; o ensino filosófico nos despertou uma análise melhor à ética e o sentido das coisas e da própria vida. Mas ambos – religião e Filosofia – foram insuficientes para promover a transformação moral dos homens porque não solucionaram questões básicas da organização da vida atual, por exemplo: a desigualdade dos bens, a diferença intelectual e o verdadeiro destino de cada um.

Pela Graça de Deus, veio para nós a Doutrina Espírita nos trazer novos e conclusivos conhecimentos, a começar por explicar aquelas questões básicas que eram explicadas pelas religiões e as teorias filosóficas. Pelo Espiritismo, hoje temos certeza de que a vida atual é uma continuação de outras existências carnis passadas e o princípio da vida futura. Nossas dificuldades atuais são explicadas pelo conjunto desses vivências e mostra nossas responsabilidades para o que somos e temos hoje.

Estamos então cientes de que cá estamos por causa de pendências e carência de novos aprendizados. Viemos a esta reencarnação com propósitos programados no plano espiritual e, assim, cada um trouxe consigo projetos e missões a cumprir: reparar erros do passado, passar por novas experiências para aprender coisas novas, sabendo que dessa vida passageira, ao contrário de ouro e títulos, levaremos virtudes e mais sabedoria.

Por que reencarnamos juntos, vamos descobrir de somos todos devedores e credores uns dos outros. As diferenças entre as pessoas servem como instrumentos de experimentação. Aqueles que muito tem e muito sabem têm a missão de compartilhar com os menos favorecidos; e estes, passam pela prova de se submeterem com resignação a esse aprendizado. Lembrando que ninguém é tão rico e tão sábio que não tenha nada para receber ou aprender; e ninguém é tão miserável que nada tenha para dar ou ensinar.

A forma mais concreta de nos elevarmos é através da caridade – o amor a serviço do bem comum. O espírita tem em Jesus o modelo perfeito para nossa realização pessoal e a receita do Cristo é amar e servir. Ele próprio viveu inteiramente a serviço do plano do Pai e assim se explicou: “Eu não vim para ser servido, mas para servir”. Certa vez, uma mãe foi ao encontro de Jesus para pedir que Ele tomasse os dois filhos dela e os colocasse ao lado dele – um à direita e outro à esquerda –, quando chegasse à vida no paraíso. Todos ficaram horrorizados com a pretensão da mulher, afinal, só os filhos dela merecem um trono ao lado de Jesus lá no céu? Jesus aproveitou a ocasião para

nos deixar um excelente ditado: “Na terra, os grandes exercem domínio sobre os outros menores, mas entre vocês – que almejam valores espirituais –, não seja assim: aquele que quiser ser o maior, o primeiro e o mais importante, que seja aquele que mais sirva, que trabalhe para os seus irmãos”.

Quanto mais nos espiritualizamos, mais sentimos prazer em servir aos outros. Há mesmo uma satisfação indescritível quando nos sentimos úteis e capacitados em produzir algo benéfico. Nessa prática, descobrimos que a verdadeira felicidade é realizando a nossa obra: é o que sente o construtor ao entregar a casa encomendada; é o que sente a mãe vendo a família feliz saboreando o arroz e feijão que ela preparou com carinho; é o que sente o médico ao ver seu paciente se recuperar; é o que sente o sementeiro ao ver a roça farta. Algumas pessoas sonham realizar um grande ato, esquecendo-se de que é a partir dos pequenos serviços que montamos uma grande obra.

Vem a primeira fase da servidão e logo se apresenta uma grande prova: a ingratidão. Isso desmotiva muito, porque chega mesmo a ser grande covardia da parte de certas pessoas a quem se ajuda tanto, sem que ela sequer reconheça. Imaginemos quanto não ocorre de filhos abandonarem seus pais para se aventurarem por aí, com más companhias; os pais que tanto fizeram por eles e que tanto carinho e esperança depositaram. Realmente, a ingratidão é uma grande prova. Contudo, Jesus nos fala de uma servidão sem esperar retribuição ou reconhecimento. Se fizermos algo esperando pagamento, então estando vendendo ou investindo – não fazendo caridade. Então, qual a verdadeira servidão? Podemos usar uma citação de Anália Franco: “A verdadeira caridade não é acolher o desprotegido, mas promover-lhe a capacidade de se libertar”, ou seja, a gratificação do fiel servidor é favorecer que o necessitado deixe essa condição inferior. Anália Franco tem uma biografia honrosa: viveu nos tempos do Dr. Bezerra de Menezes, tendo nascido no Rio de Janeiro e radicada em São Paulo. Foi professora e jornalista, mas se notabilizou pela filantropia: investiu tudo que tinha, juntamente com o que arrecadou em campanhas, para fundar escolas, creches, asilos e postos de saúde – cerca de cem instituições – para atender órfãos, mulheres abandonadas, moradores da rua e necessitados em geral. Tudo isso numa época em que a mulher ainda tinha pouco espaço na sociedade e sofria muitos preconceitos. Apesar de ser espírita convicta e profunda admiradora de Allan Kardec, ela se limitava a fazer assistência sem nem mesmo impor a conversão religiosa. Seus biógrafos dizem que ela lia e citava muito O Evangelho Segundo o Espiritismo, mas preservava-se de fazer propaganda do Espiritismo para não parecer uma troca de favores.

Há em todo o mundo uma corrente progressista de pessoas, acima de ideias políticas e religiosos, motivados puramente pela boa vontade em fazer filantropia, formando o chamado “terceiro setor” – o primeiro setor é o governamental e o segundo é o setor privado. Nesse terceiro setor incluímos as ONGs – Organizações Não Governamentais –, e as entidades sem fins lucrativos com prestação de serviço público e defesa do bem comum. Claro

que também há muita picaretagem e aproveitadores se beneficiando egoisticamente dessas instituições, mas, muitas são sérias e fazem um excelente trabalho mundo afora. Já é uma demonstração de fraternidade e altruísmo, ou seja, viver pensando no outro. É interessante observarmos ainda o espírito do voluntariado: entre os “mandamentos do voluntário”, vamos encontrar um que demonstra bem a arte de servir: é o que diz que o filantropo – seja o doador da verba, seja o doador da mão de obra – deve seguir a disciplina do serviço, que não tem o direito de fazer exigências, nem querer regalias por ser um servidor, enfim, que o importante é o coletivo.

O orgulho e a vaidade rodam e perseguem aquele que se propõe a ser um servidor, enchendo-o de autocontentamento e influenciando seus pensamentos na direção da ambição pessoal. Imaginem, por exemplo, o palestrante espírita que não tiver um espírito forte: faz uma boa palestra e, no meio de elogios e agraciamentos, começa a se julgar mais importante que os demais trabalhadores da Casa Espírita; começa a se achar merecedor de melhor tratamento, se dá o direito de chegar quando quer e fazer o que quer; se for contrariado em qualquer ideia, se melindra fácil e fica cego a um bom conselho. Um bom palestrante, como todo bom servidor, procura fazer o melhor de si para o bem de todos e compreende que faz parte de um sistema onde todos são importantes, a começar pelos que cuidam da limpeza da Casa até os que recebem os presentes, para que todos possam chegar, serem bem recebidos e encontrarem um lugar acolhedor e favorável para novos aprendizados.

Deus espera nossa cota de contribuição na obra da criação, confia no nosso comprometimento e nos deu, por igual, todas as capacidades para fazermos um bom trabalho, dependendo de cada um desenvolver mais ou menos rapidamente as nossas virtudes. Jesus – que veio para nos ensinar a servir nos servindo – deu-nos um exemplo concreto do Seu compromisso quando lavou os pés dos discípulos, dizendo “lavem-se uns aos outros”, ou sejam, “amam-se e se ajudem uns aos outros”; e ainda: “tudo que alguém fizer pelo seu irmão, é a mim que terá feito e eu lembrarei dele quando estiver diante do meu Pai”. Assim, encontremos a satisfação na arte de servir e vamos fazer um mundo melhor, valendo-se da mensagem de Francisco de Assis:

“Senhor, fazei-me um instrumento de Vossa paz...”

Fiquemos todos com a graça de Deus!

15

Conclusão

Reforçamos que não temos a pretensão de criar uma cartilha do que deve e o que não deve ser feito e dito e nem impor um padrão de palestra espírita. Queremos simplesmente dar nossa contribuição no sentido da requalificação do palestrante, afinal, tudo se renova e quem quer que creia já ter visto tudo em qualquer quesito, não terá vista nada.

Além disso, devemos tem em conta as novidades que se sucedem vertiginosamente nos tempos atuais. Na época de Kardec, o aprendizado sistematizado quase se resumia pelo recurso da literatura, mas hoje temos uma cesta de mídias dinâmicas (áudio, vídeo, softwares) muito mais eficientes e das quais devemos nos valer.

Colocamo-nos à disposição para críticas e sugestões para uma possível reedição deste trabalho, para que possamos fazer da palestra espírita – esse maravilhoso instrumento – uma das vias da transformação da humanidade².

² Mensagens para contato@luzespirita.org.br.

